

O papel social do design para a aprendizagem e a cidadania

Rogério Luis Massenssini e
Rodrigo Antônio Queiroz Costa ^(*)

Actas de Diseño (2026, julio),
Vol. 54, pp. 125-129. ISSSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2022
Fecha de aceptación: octubre 2025
Versión final: julio 2026

Resumo: Este trabalho propõe uma discussão transversal sobre o design no contexto de comunicação, aprendizagem e cidadania. Existe um apelo recente ao entendimento do texto como algo mais amplo do que a escrita verbal e este aspecto pode contribuir para melhorias na educação e no exercício da cidadania. Grande parte do que somos em sociedade depende da interface que temos com as organizações que regulam nossa vida cotidiana e, traduzir essa burocracia para uma linguagem mais acessível é fundamental para as pessoas e instituições do século XXI.

Palavras-chave: aprendizagem – cidadania – design – comunicação.

[Resúmenes en inglés y español en la página 129]

Estado da arte

Este trabalho propõe uma discussão transversal sobre infografia e design no contexto de comunicação, aprendizagem e cidadania. Existe um apelo recente ao entendimento do texto como algo mais amplo do que a escrita verbal. Esta realidade, apontada por Kress

(2008), se apresenta de forma multimodal, na qual o entendimento da mensagem total se dá por uma série de informações verbais e não verbais apresentadas pelo texto. O que preconiza a cidadania pode ser o direito primeiro a educação, conforme posto por José Murilo de Carvalho, T. H. Marshall, Wanderley Guilherme dos Santos e,

portanto, cabe a discussão sobre a prática do letramento relacionado à inclusão digital, para que se visualizem as suas potencialidades de transformação social.

O modelo de letramento informacional, no qual os sujeitos sejam letrados para lidar com a informação por meio das tecnologias da informação e comunicação, de maneira crítica e consciente do próprio processo de aprendizagem. Torna-se necessário promover o letramento informacional que propicie a capacitação informacional do sujeito, para que esse contribua para a construção da cidadania plena, em que ele possa fazer-se cidadão.

A educação é um direito *sine qua non* a conquista dos direitos civis, políticos e sociais capazes de incluir socialmente um sujeito, promovendo condições necessárias para que ele possa lutar em pé de igualdade, por uma sociedade mais justa e menos pobre.

Assim, a educação e a ocupação podem promover certas diferenças de status sociais, dependendo da educação que se constrói e da ocupação, consequente da educação, que se busca na sociedade.

Interpretar como a sociedade brasileira acessa a informação e constrói conhecimento mostra-se necessário para que as desigualdades sociais sejam combatidas. Ou, no mínimo, que condições de fala sejam abertas aos cidadãos vulneráveis, caso contrário terão apenas a possibilidade de escuta, de um enunciado pronto, tipificado e vigiado, e muito pouca possibilidade de poder falar.

Pesquisadores, como Lúcia Santaella (2018), têm defendido a existência de bolhas comunicacionais que tendem a agravar os processos de comunicação nas redes sociais, gerando menos possibilidades de acesso adequado à informação.

Cabe dizer do impacto das bolhas coletivas, nas mídias sociais, que podem reforçar as diferenças no acesso à informação, conforme aponta Santaella (2018, p. 150). Os acessos à informação são diferentes entre os jovens brasileiros, uma vez que os recursos presentes em cada dispositivo tecnológico utilizado são diferentes, podendo gerar acessos diferenciados e, possivelmente, construções discursivas impactadas negativamente pelas mídias sociais, em que as formações discursivas utilizadas nas dispersões podem afetar os processos de ensino aprendizagem mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação utilizadas em tempos de pandemia do COVID-19.

Tanto as pessoas precisam desenvolver competências informacionais quanto as empresas, públicas e privadas, precisam melhorar a comunicação das informações.

A Infodesign tem promovido pesquisas que envolvem a forma como os canais de divulgação de informações, analógicos e digitais, têm trabalhado a comunicação.

Pesquisas apontam a importância de políticas sociais para a promoção de acesso às tecnologias e conexões de Internet, mas também será preciso capacitação para que as pessoas saibam acessar e usar as informações que necessitam no dia a dia.

O formato com que as informações são divulgadas também tem afetado os usuários. Afinal, atualmente pessoas sem conhecimento comunicacional divulgam dados sem a devida organização de ideias, impactando a comunicação que se deseja alcançar.

Atualmente, o volume de informações e o formato em que elas são geradas, com poucos critérios e baixos padrões de comunicação, têm contribuído para a exclusão informacional das pessoas, especialmente daquelas que possuem pouco capital cultural/informacional.

Portanto, a política de informação do Estado Informacional pode ser caracterizada pelo poder informacional de controle da criação, do processamento, do fluxo e do uso da informação (Braman, 2009, p. 1).

Esse poder informacional é o que Pierre Bourdieu definiu de metacapital, ou seja, aquele poder capaz de manipular as bases informacionais dos demais poderes. Um controle, conforme Foucault, sobre os sistemas simbólicos da estrutura estatal.

Habermas chama a atenção para o poder subjetivante presente na comunicação cotidiana identificado por Foucault.

A informação, de acordo com Reis (1999): “constitui o elemento chave para a inserção de sujeitos, para a transformação da realidade, bem como fator crucial para a produção”. Sua importância parte do pressuposto que a sociedade contemporânea “fundamenta-se cada vez mais em leituras e releituras de informações disponíveis na sociedade”.

O processo de releituras de informações, de avanço da tecnologia gera uma cobrança maior por parte do mercado e, conseqüentemente, na necessidade de um número maior de cidadãos preparados para atender às novas demandas de trabalho.

A Educação à Distância torna-se, nesse contexto, uma oportunidade para aqueles que precisam ter certificada uma formação, considerando a sua dificuldade em relação ao tempo.

A Educação à distância é considerada por Moran (2002): “como o processo de aprendizado mediado por tecnologias (...), onde professores e alunos não estão normalmente juntos, mas podem estar conectados, interligados por tecnologias, principalmente as telemáticas como a internet”.

Todo e qualquer sujeito é produtor de informação social e, portanto, responsável pela construção de saberes sociais, o que o torna participativo no processo de ensino aprendizagem e não apenas um mero receptor de informações.

Os vários letramentos apontados por Christine Bruce, Magda Soares, Mark Warschauer são de extrema importância no processo de aprendizagem, principalmente em espaços virtuais, uma vez que estão diretamente relacionados aos processos de leitura e escrita, independente do suporte.

O sujeito letrado está mais predisposto a um desenvolvimento humanista, ou seja, aberto a debates sobre a sua realidade e a do próximo dentro da complexidade do sistema social, levando-se em consideração a historicidade e a totalidade dos fenômenos sociais.

Esse entendimento de cidadania e aprendizagem prevê que para seu exercício o sujeito precisa ter acesso aos seus direitos e deveres de forma clara. Essa comunicação prescinde de processos de criação e de edição em imagem, som e palavra condizentes aos contextos dessas pessoas o que, frequentemente, não ocorre. Um dos motivos

principais é que a comunicação do estado é, normalmente, feita por pessoas de áreas técnicas que não tem em sua formação estudos das relações entre linguagens, processos de criação, edição e convergência de mídias que permitam alinhar os dados técnicos às necessidades do cidadão. O resultado é que temos dados que não levam em consideração aspectos históricos, sociais, educacionais e conceitos de usabilidade, editoração, design ou programação visual.

Infografia como linguagem

A infografia está cada vez mais presente nos meios de comunicação e de ensino e, ao se manifestar em suportes como o meio digital, frequentemente assume características que não lhe são inerentes como aquelas destinadas a jogos e vídeos. Diante deste cenário, nos deparamos com o fato de que o entendimento do que é texto tende a ser mais amplo, absorvendo outros modos de leitura como a visual. Novais e Coscarelli (2010) descrevem que o texto vem com design, inclui as expectativas e perguntas do leitor, além de incluir suas habilidades cognitivas. As pesquisadoras apontam, ainda, que a leitura depende da bagagem cultural de quem lê. Partindo de uma observação empírica a partir da experiência no ensino de design, a utilização de textos para se comunicar conceitos complexos se mostram, às vezes, ineficientes principalmente frente aos hábitos de leitura da geração que nasceu depois de 1990, também conhecidos como *millennials* ou geração Y. Para Phillips (2010) os hábitos de leitura dessa geração são um pouco diferentes das gerações anteriores, neste quesito, os nativos digitais entendem e se relacionam melhor com textos mais imagéticos.

Outro ponto que pode ser observado é que os nativos digitais constroem melhor seu conhecimento de forma não linear. Uma forma de se organizar e fixar este conhecimento segundo Schlemmer (2001) seria construir uma ação do sujeito sobre o objeto de conhecimento e provocar uma interação com ele.

A infografia permeia os campos da informação, design e ilustração conforme aponta Moraes (2013) e transcende o campo do jornalismo, dada a abrangência de seu uso, sendo mais próxima do campo do design de informação. Várias referências encontradas apontam para infografia como originária do termo em inglês *Informational graphics*, conforme aponta Quattrer e Gouveia (2008) apud Caixeta (2008) e também por Carvalho e Aragão (2012) apud Ribeiro (2008).

Do ponto de vista da sua utilização Quattrer e Gouveia (2008) apontam que, segundo Raymond Colle, os mesmos são utilizados em manuais de usuários, informes empresariais, publicações didáticas (infografia pedagógica), textos científicos (infografia científica), textos publicitários (infografia publicitária) além da infografia jornalística considerando apenas o meio impresso.

A imagem como centro da leitura e entendimento de conceitos complexos para as novas gerações abre um novo campo no mercado editorial em que o designer pode

se tornar co-autor dos conteúdos a serem ministrados para esse novo tipo de leitor. Cabe ao designer assumir o protagonismo em uma realidade cultural que tem se tornado complexa e buscar os limites de sua atuação e seu valor cultural na realidade vigente.

Texto para além da escrita

Charaudeau (2001) discute o texto com algo além da palavra escrita. Entretanto, há que se pensar em uma discussão mais aprofundada do entendimento do que seja o texto imagético como um objeto multimodal como apontado por Kress (2008). Outro ponto que Kress (2008) e os demais pesquisadores da multimodalidade apontam é a influência do suporte no processo de leitura.

No caso de textos multimodais, ou seja, daqueles textos compostos por várias modalidades sógnicas que não só a verbal, o leitor precisa reconhecer outras unidades além do léxico verbal, ou seja, precisa perceber as unidades dessas outras modalidades e integrá-las. Imagem, som, movimento, design são categorias de signos organizadas por elementos de natureza diversa, que precisam ser decodificados em unidades que vão contribuir para a construção do sentido. (Coscarelli e Novais, 2010, p.39)

Moraes (2013), aponta que a infografia permeia os campos da informação, design e ilustração e transcende o campo do jornalismo sendo mais próxima do campo do design de informação. Dois pontos aparecem claramente no texto de Moraes (2013). O primeiro é que a infografia está associada ao gênero informativo e logo dissociada do gênero jornalístico opinativo, o segundo é que ela tem sua origem na informação. A infografia está associada, portanto, à interpretação de informações complexas e sua posterior comunicação por meio de imagens que organizem estas informações.

Para Thompson (2002), os estudos sociais de formas simbólicas se apoiam no conceito de cultura - que neste projeto se traduz na geração Y. As pessoas criam e se comunicam por meio de artefatos que fazem sentido para seu convívio e troca de experiências. Estes artefatos representam o esforço de um entendimento mútuo das pessoas e da sociedade em que elas vivem. No sentido de entender os signos compartilhados por essa cultura específica me pensar na relação dos conceitos de convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva, de Jenkins (2006), seria um bom ponto de partida.

O ensino de design e sua atuação prática devem estar sempre relacionados com a realidade de mercado e o aluno deve ser estimulado a usar métodos sistêmicos, ser criativo e motivado conforme aponta Santos (2006) apud José Abramovitz e José Monteiro. Neste quesito, Santos (2006) é categórico ao afirmar que o ensino de projeto é importante e por vezes determinante para o sucesso do futuro profissional de mercado.

A postura, de facilitação de entendimento de conceitos complexos, vai de encontro às Diretrizes Curriculares

Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (Resolução nº 6, de 20 de setembro de 2012) que aponta em seus princípios norteadores que assegura a interdisciplinaridade no currículo e na prática pedagógica, para se superar a fragmentação de conhecimentos e de segmentação da organização curricular. Além disso, prevê a contextualização, flexibilidade e interdisciplinaridade na utilização de estratégias educacionais favoráveis à compreensão de significados e à integração entre a teoria e a vivência da prática profissional o que pode tornar este processo de comunicação multimodal imprescindível como ferramenta de construção de estímulo à leitura e construção de saberes.

Referências bibliográficas

- Bourdieu, P. (2010). *O poder simbólico*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Braman, S. (2004). *The emergent global information policy regime*. Hampshire, Palgrave.
- Braman, S. (2009). *Change of state: information, policy, and power*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Carvalho, J. & Aragão, I. (2012). Infografia conceito e Prática. *Info-Design. Revista Brasileira de Design da Informação*. São Paulo. v. 9, n. 3.
- Carvalho, J. M. de. (2003). *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Charaudeau, P. (2001). *Uma teoria dos sujeitos da linguagem*. Análise do discurso: fundamentos e práticas. Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFGM.
- Foucault, M. (2008). *A ordem do discurso*. 16 ed. São Paulo: Loyola.
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42 ed. Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (2009). *A arqueologia do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Habermas, J. (2004). *A inclusão do outro: estudos de teoria política*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola.
- Habermas, J. (2011a). *Direito e democracia: entre facticidade e validade* (Vol.I). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Habermas, J. (2011b). *Direito e democracia: entre facticidade e validade* (Vol.II). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Habermas, J. (2012a). *Teoria do agir comunicativo* (Vol.I). São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Habermas, J. (2012b). *Teoria do agir comunicativo* (Vol.II). São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Habermas, J. (2003). *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Habermas, J. (2001). *A constelação pós-nacional: ensaios políticos*. São Paulo: LitteraMundi.
- Habermas, J. (2015). *A Nova Obscuridade: pequenos escritos políticos* (Vol.I). ed. São Paulo: Unesp.
- Higino, A. F. Ferreira et al. (2009). Mediação informacional no contexto universidade-sociedade-inovação: potencialidades, contradições e desafios. *Perspect. ciênc. inf.*, Belo Horizonte, v. 14, n. spe.
- Jenkins, H. (2008). *Cultura da convergência*. S. Alexandria (trad.). São Paulo: Aleph.
- Levy, P. (1999). *Cibercultura*. C. I. da Costa (trad.). São Paulo: Editora 34.
- Krucken, Lia. (2008). Competências para o design na sociedade contemporânea. In: Krucken, L. & Moraes, D. (orgs). *Coleção: Cadernos de Estudos Avançados em Design, Transversalidade*. Editora UEMG.
- Kress, G. (2008). *Multimodalidade e aprendizagem: novas perspectivas do conhecimento, representação e comunicação*. Belo Horizonte: UFGM. Palestra proferida em Visitas Internacionais, promovida Pelo IEAT-UFGM, em Belo Horizonte, em 14/08/2008. Disponível em: <https://www.ufmg.br/ieat/2011/09/gunther-kress/>, Acesso em 24/01/2015.
- Marshall, T. H. (1967). *Cidadania, classe social e status*. (trad. Meton Porto Gadelha). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Moraes, A. (2013). *Infografia: história e projeto*. Blucher. São Paulo.
- Moran, J. M.; Masetto, M. T. & Behrens, M. A. (2000). *Mediação Pedagógica e o uso da tecnologia*. Campinas: Papirus.
- Moran, J. M. (1994). *Novos caminhos do ensino a distância*. CEAD - Centro de Educação à Distância. SENAI: Rio de Janeiro, ano 1, n.5, out-dezembro.
- Phillips, C. (2010). *A geração Y tem o hábito de ler*. Disponível em: <http://www.focoemgeracoes.com.br/index.php/2010/05/17/a-geracao-y-tem-o-habito-de-ler/#more-2218> – Acesso em 24/05/2015
- Quattrer, M. (s.f.). *A infografia nos meios de comunicação impressos*. <http://www.iar.unicamp.br/lis/dcf/A-infografia-nos-meios-de-comunicacao_MilenaQuattrer.pdf> Acesso em 17 Dezembro de 2014.
- Resolução Nº 6, De 20 De Setembro De 2012. *Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio*. Ministério Da Educação Conselho Nacional De Educação Câmara De Educação Básica. <<http://mobile.cnte.org.br:8080/legislacao-externo/rest/lei/51/pdf>> Acesso em 02 Outubro de 2015.
- Santos, F. Antero Nunes Vianna dos. (2007). Interdisciplinaridade no Ensino de Design Gráfico: uma Proposta Pedagógica Diferenciada. In: Liden, J. C. de Souza van der (org). *Revista D: design, educação, sociedade e sustentabilidade*, n. 1, Porto Alegre: Editora Uniritter.
- Schlemmer, E. (2001). *Projetos de aprendizagem Baseados em Problemas: uma metodologia interacionista/construtivista para formação de comunidades em Ambientes Virtuais de Aprendizagem*. Revista Digital da CVA – Ricesu
- Santaella, L. *A Pós verdade é verdadeira ou falsa?* São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.
- Santos, W. G. dos. (1979). *Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira*. Rio de Janeiro: Campus.
- Tomael, M. I.; Alcará, A. R. & Di Chiara, I. G. (2005). Das redes sociais à inovação. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 34, n. 2, ago.
- Thompson, J. B. (1998). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes.

Resumen: Este trabajo propone un análisis transversal sobre el diseño en el contexto de la comunicación, el aprendizaje y la ciudadanía. Recientemente se ha puesto de relieve la necesidad de entender el texto como algo más amplio que la escritura verbal, y este aspecto puede contribuir a mejorar la educación y el ejercicio de la ciudadanía. Gran parte de lo que somos en sociedad depende de la relación que mantenemos con las organizaciones que regulan nuestra

vida cotidiana, y traducir esa burocracia a un lenguaje más accesible es fundamental para las personas y las instituciones del siglo XXI.

Palabras clave: aprendizaje – ciudadanía – diseño – comunicación.

Abstract: This paper proposes a cross-disciplinary discussion of design in the context of communication, learning, and citizenship. There has been a recent call to understand text as something broader than verbal writing, and this perspective can contribute to improvements in education and the exercise of citizenship. Much of who we are in society depends on our interaction with the organizations that regulate our daily lives, and translating this bureaucracy into more accessible language is essential for people and institutions in the 21st century.

Keywords: learning – citizenship – design – communication.

(*) **Rogério Luis Massenssini:** Diretor de Qualificação e Extensão / Coordenador Pronatec/FIC - UTRAMIG. • **Rodrigo Antônio Queiroz Costa:** Coordenador EaD /Coordenador Adjunto Pronatec/FIC - UTRAMIG